

## Corpo e feminino

*Susane Vasconcelos Zanotti*

Para Lacan<sup>1</sup>, “[...] o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo”. Assim, na falta de um significante que a defina, o corpo desempenha um papel fundamental na vida das mulheres. O presente texto aborda a relação de mulheres com seus corpos no contemporâneo, a partir do modo como o feminino é retratado nos livros *Corpo*<sup>2</sup>, de Fabienne Jacob e *Na própria carne*<sup>3</sup>, de Gillian Flynn.

### **Mulheres e Instituto de beleza**

O romance *Corpo*, ao contrário do que destaca Wajcman<sup>4</sup> sobre o *zeitgeist* feminino que se apresenta no cinema - como a mulher do tempo por vir - retrata a mulher de hoje, com enfoque no corpo feminino e nas histórias de mulheres, contadas por uma esteticista.

Monika observa, escuta e às vezes julga as clientes que passam por sua cabine, tanto pelo corpo que têm quanto pelas coisas que dizem, as quais ela tenta enodar ao real do corpo que se apresenta a seus olhos. “Elas acreditam que eu sei de coisas sobre elas que elas mesmas ignoram. Isto pode ser verdade, mas eu não me ponho a questão”<sup>5</sup>. A posição de Monika é a de uma mulher detentora do segredo, do íntimo, que conhece bem o corpo feminino. Crença que é compartilhada por aquelas que a procuram em busca de mudanças no corpo que parecem garantir uma aproximação com o feminino.

As clientes confiam nela devido ao saber que possui sobre as mulheres, sobre seus corpos. Querem que ela lhes

diga sobre os defeitos, os cremes para celulite, sempre acompanhados pela questão "Isso é normal, como são as outras, todo mundo tem?"<sup>6</sup>. A pergunta *O que ela tem que eu não tenho?*, é aqui substituída por *Será que ela tem o que eu tenho?*, essas imperfeições corporais? Aqui entra em cena o modelo de mulher atual, que tem um corpo perfeito, e que desempenha a função de duplo, e a qual as mulheres não cansam de tentar alcançar. Como ressalta Caldas<sup>7</sup> "sonha-se com um feminino que se defina pela imagem do corpo".

### **Para que serve o corpo?**

O feminino é tratado a partir do corpo, o foco do livro. A descrição vai do corpo das mulheres para a vida de cada uma delas e mistura esses dois temas - corpo e história de vida: a mais branca de todas, fria, solitária; as mulheres que não têm nada a esconder e as que não mostram nada; a idade que pode causar devastação; a mulher que não quer envelhecer e se vê como uma jovem; a moça "escolhida" por um homem por ter um cheiro único, diferente de todas as outras mulheres, mas que não o quer. Se, em alguns momentos, o livro ensaia uma tipificação, certa classificação das mulheres em grupo, ao mesmo tempo Monika conta as histórias uma a uma e enfatiza o que nelas há de particular. A autora apresenta um retrato delicado e ao mesmo tempo impressionante da mulher contemporânea e de sua relação com o corpo próprio. Não basta ir ao Instituto de beleza, elas precisam falar, contar suas histórias...

Em determinado momento, a personagem se questiona: Para que serve os corpos das mulheres que vão ao Instituto de beleza? "Às mulheres daqui, seus corpos não lhes servem para nada, só para vir ao instituto, para ir aos médicos. O corpo lhes serve para tomar remédio, fazer pose [...]. Nos corpos das mulheres daqui, só aparecem pequenas pobres histórias"<sup>8</sup>. Monika constata, a partir de suas clientes,

que quase nenhuma delas ama seu corpo. Elas vêem nas revistas corpos que não existem e querem ter o mesmo, um corpo que não existe. "Seus corpos tal como eles são, este é o problema [...]. O corpo lembra a elas o tempo todo, elas não podem esquecer um segundo. [...] Elas pagam para esquecer que possuem um"<sup>9</sup>.

O livro demonstra que as mulheres querem esquecer seus corpos, mas quando entram na cabine, é a verdade do corpo que aparece. Para Monika é essa verdade que interessa, uma vez que o corpo guarda a memória de toda nossa vida, as alegrias, o sofrimento. Mas, como ressalta Miller<sup>10</sup> ao enunciar a biologia lacaniana, não se trata de um efeito de verdade, mas de uma afecção, de gozo.

Ao contrário do que pensam suas clientes, o único saber que Monika detém sobre as mulheres é a afirmação de Lacan<sup>11</sup>: o sujeito tem um corpo. As mulheres têm um corpo e o ter implica em fazer algo com ele. Vejamos um exemplo de uso do corpo a partir do livro *Na própria carne*.

### **Um lugar que deixa marcas**

A jornalista Camille Preaker é convocada por seu editor para fazer uma reportagem em Wind Gap, sua cidade natal, que tem cerca de 2 mil habitantes. O motivo é o desaparecimento de uma garota de 10 anos (Ann), logo após a morte de uma outra, de 9 anos, por estrangulamento. Em consonância com o objetivo do presente texto, o processo de desvendamento dos crimes não será explorado, o foco será o romance familiar da protagonista e sua relação delicada com o corpo próprio, repleto de marcas que ela própria talhou ao longo dos anos.

O retorno à sua cidade, após 8 anos, demonstra a relação visceral que tem com a mesma: "sem motivo especial, prendi a respiração ao passar pela placa que me dava boas vindas a Wind Gap da mesma maneira que as crianças fazem

quando passam por cemitérios”<sup>12</sup>. Foi nessa cidade que a irmã morreu, que Camille começou a se cortar. “É o tipo de lugar que deixa marcas”<sup>13</sup>. No momento em que retorna à sua cidade natal, ela não se corta mais, mas seu desejo em fazê-lo não desapareceu. “[...] eu bebo para não acabar pensando demais no que fiz com meu corpo, e para não fazer mais. Ainda assim, na maior parte do tempo em que estou acordada, minha vontade é me cortar”<sup>14</sup>.

A história familiar remonta à morte de uma irmã mais nova, ao 2º casamento de sua mãe e ao nascimento de uma outra filha, claramente substituta da filha morta, quando Camille estava na Universidade. A convivência com sua família e naquela cidade não lhe fazia nada bem... Em sua volta à cidade, sua irmã mais nova está com 13 anos, idade marcante para Camille - início dos cortes, acessos de choro por causa da irmã perdida e de uma vida sexual extremamente ativa.

Em *Wind Gap*, de acordo com a protagonista, a feminilidade tem um lugar de destaque. Ao se referir a uma das garotas desaparecidas, ela afirma: “Se Ann era uma autêntica menina de *Wind Gap*, uma cidade que exige feminilidade extrema de seu sexo frágil, seus cabelos seriam bem compridos e lhe desceriam pelas costas”<sup>15</sup>. Com Lacan, sabemos que o trajeto que constitui o feminino é sempre complexo e enigmático, mas podemos citar alguns elementos cruciais nesse processo: a importância do Outro materno e de seu desejo, a relação mãe-filha, a separação efetivada pelo pai e a relação do sujeito com o corpo próprio.

### **Uma mulher que se corta**

Camille se define como *uma mulher que se corta*. “Eu me corto, sabe? Também retalho, fatio, gravo, espeto [...]. Tenho uma razão. A minha pele, sabe, ela grita”<sup>16</sup>. Seu

corpo é repleto de coisas escritas: bonequinha, nociva, enjoada, petulante, calcinha, virgem, bebê, mãe, pranto, preferida, entre outras. A última palavra que gravou no corpo, 16 anos depois de ter começado (aos 29 anos) foi *desaparecer*. Essa última foi no pescoço e a levou ao hospital por 3 meses. Nesse momento, ela já se cortava até entre os dedos do pé; o espaço no corpo já havia acabado.

Ela se pergunta e responde por que tais palavras. "A maioria é tipicamente feminina em um estilo cor-de-rosa vs azul. Outras são totalmente negativas. Quantidade de sinônimos de 'ansiosa' marcados em minha pele: onze. Minha única certeza à época é que era crucial ver tais letras em mim. E não apenas vê-las, mas senti-las"<sup>17</sup>. A primeira palavra que talhou foi aos 13 anos: *perversa*. Após escrevê-la, sentiu um alívio... e se pôs a cuidar da ferida que causara. Tudo aconteceu no mesmo verão: a morte da irmã; ela tornar-se bonita e começa a se cortar. "Passei a ser quase tão fiel a isso quanto à minha recém-descoberta beleza. Adorava tratar de mim mesma [...]. Não conseguia tirar os olhos de mim mesma"<sup>18</sup>. Momento em que deixou de ser digna de pena; havia se tornado uma menina bonita e popular.

O livro corrobora a tese de que as marcas corporais encontram uma função na economia psíquica<sup>19</sup>. No contexto da clínica, vale ressaltar a importância de estar atento ao diagnóstico diferencial em relação ao uso do corpo e suas funções. "Só sei que os cortes faziam com que me sentisse segura"<sup>20</sup>. "Sempre que alguém falava da minha beleza, eu imaginava tudo de feio que se apinhava sob minhas roupas"<sup>21</sup>.

A relação, delicada, de Camille com o corpo próprio é evidenciada em diferentes momentos da narrativa: "Meus banhos são de banheira, não de chuveiro. Não consigo aguentar os jatos d'água. Deixam minha pele elétrica como se alguém houvesse ligado um interruptor"<sup>22</sup>. Depois de ter

o corpo todo escrito, ela não suporta mais se olhar sem estar totalmente coberta. Não usava vestido, nem roupas com decotes, nem mesmo sem mangas. No entanto, seu rosto ainda era belo: "Eu era uma coisa linda de se ver, contanto que estivesse completamente coberta"<sup>23</sup>.

Vivia com o corpo completamente tampado, bem masculina, ao contrário de sua mãe, que é bem feminina. Para Camille, sua mãe era uma mulher linda, "como a boneca preferida de uma menina, do tipo com que nunca se brinca"<sup>24</sup>. Dona de um abatedouro que era cuidado por outros, rica, usava roupas bem femininas, era super sociável e de bem com a vida... Além disso, tinha o dom natural de fazer com que outras mulheres se sentissem secundárias. Camille, ao contrário de sua mãe e da irmã que morreu, não abraçava a vida e causava mal a si mesma.

A questão que se coloca é: trata-se de um modo de uso do corpo para se fazer existir? Seu resultado seria o apagamento do traço identificatório - *beleza* - com a mãe, e de uma posição feminina impossível de suportar? Poderíamos pensar nas marcas corporais como uma resposta para a devastação? Devastação aqui entendida como um traço de demanda infinita na relação entre uma mãe e uma filha, de acordo com a teoria lacaniana e como evidencia Drummond<sup>25</sup>, um dos nomes que Lacan dá ao fracasso da metáfora paterna. Segundo Lacan "[...] a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai - o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação"<sup>26</sup>.

### **Ela nunca disse que me ama, e nunca presumi tal coisa**

Sua mãe não demonstrava um interesse autêntico por ela, não se sentia à vontade na sua presença e não despendia atenção à filha. Aos 17 anos, engravidou de

Camille, de um sujeito qualquer que conhecera em uma excursão da igreja e que voltou para visitá-la no Natal. Camille não sabe nada a respeito do seu pai; "quando o imagino, penso na figura genérica de um "pai". Não consigo pensar nele especificamente [...]"<sup>27</sup>. Não ficaram juntos e sua mãe se casou quando ela ainda era bem pequena. Quando a outra filha morreu, aquela que a mãe tratava com toda atenção, sua mãe passou um ano sem sair de dentro do quarto e a entrada de Camille no quarto era proibida. "Ela nunca disse que me ama, e nunca presumi tal coisa"<sup>28</sup>.

A relação com a mãe é marcada por certo ar de falsidade, hostilidade, acompanhada de frieza, mas revestida de cordialidade: "O que me deixa mais irritada é a cortesia"<sup>29</sup>. Ao mesmo tempo, verifica-se o fascínio pela imagem fálica e feminina da mãe; e a demanda de amor infinita endereçada a ela. A relação de Camille com a mãe apresenta a realidade da devastação, definida por Lacan<sup>30</sup> e destacada por Miller como um ponto existente em toda mulher. "Uma mulher tem sempre um ponto de devastação, que não há relação com a lei que possa poupá-la disso [...]"<sup>31</sup>.

As marcas, por meio de corte, que Camille faz em seu próprio corpo demonstram a resposta encontrada por essa mulher à devastação, no caminho da própria feminilidade. Trata-se de uma forma de promover a separação da mãe e a intrusão do desejo materno, mortífero. A narrativa sobre a vida de Camille não evidencia traços importantes da função paterna, nem de castração do Outro materno de ter o falo, nem da criança de ser o falo.

Para concluir, retomemos a questão do que cada mulher faz com seu corpo. Em *Corpo*, destaca-se, a partir da busca de modificações corporais, a importância da imagem e ao mesmo tempo a negação do corpo que se tem. Não seria esse aspecto - a negação do corpo que se goza - um elemento fundamental na clínica atual? Em *Na própria carne* os cortes e a escrita pelo corpo podem ser compreendidos como uma

resposta singular à devastação que se apresenta na relação entre Camille e sua mãe; uma tentativa de contê-la, de limitá-la, de localizá-la. Os dois livros fornecem elementos importantes para se pensar a clínica contemporânea com mulheres, especialmente a importância de o psicanalista estar atento ao que Miller<sup>32</sup> explicita como *atividade da corporização*.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 15.

<sup>2</sup> JACOB, F. (2010). *Corps*. Gallimard: Paris.

<sup>3</sup> FLYNN, G. (2008). *Na própria carne*. Rio de Janeiro: Rocco. Agradeço a Alain Abelhauser, da Universidade Rennes 2, por me apresentar esse livro e a possibilidade de uma leitura psicanalítica a partir da relação mãe-filha.

<sup>4</sup> WAJCMAN, G. (2012). "Girl Talk. Du fétichisme moderne". In: *La Cause du désir* (81). Paris: Navarin, pp. 140-145.

<sup>5</sup> JACOB, F. (2010). Op. cit., p. 32.

<sup>6</sup> Idem. Ibidem.

<sup>7</sup> CALDAS, H. (2012). "O feminino no sinthoma". In: *Boletim Outras Palavras*. Disponível em: <<http://www.mulheresdehoje.com.br/texto003.asp>>. Recuperado em 10/09/2012.

<sup>8</sup> JACOB, F. (2010). Op. cit., p. 18.

<sup>9</sup> Idem. Ibidem, p. 30.

<sup>10</sup> MILLER, J.-A. (2004). "Biologia lacaniana e acontecimentos do corpo". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (41). São Paulo: Edições Eolia, p. 67.

<sup>11</sup> LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 146.

<sup>12</sup> FLYNN, G. (2008). Op. cit., p. 14.

<sup>13</sup> Idem. Ibid, p. 93.

<sup>14</sup> Idem. Ibid, pp. 78-79.

<sup>15</sup> Idem. Ibid, p. 22.

<sup>16</sup> Idem. Ibid, p. 75.

<sup>17</sup> Idem. Ibid, p. 76.

<sup>18</sup> Idem. Ibid, p. 77.

<sup>19</sup> DOUCET, C. [et.al.]. (2008). "Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do sujeito". In: *Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath*, vol. 5, (2). Online. São Paulo, p. 146.

<sup>20</sup> FLYNN, G. (2008). Op. cit., p. 79.

<sup>21</sup> Idem. Ibid, p. 190.

<sup>22</sup> Idem. Ibid, p. 12.

<sup>23</sup> Idem. Ibid, p. 90.

<sup>24</sup> Idem. Ibid, p. 34.

<sup>25</sup> DRUMMOND, C. (2011). "Devastação". In: *Opção Lacaniana Online, nova série, ano 2, (6)*. Disponível em: <[www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_6/Devastacao.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao.pdf)>. Recuperado em 10/09/2012.

<sup>26</sup> LACAN, J. (2003[1972]). "O Aturdito". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 465.

<sup>27</sup> FLYNN, G. (2008). Op. cit., p. 118.

---

<sup>28</sup> Idem. *Ibid*, p. 119.

<sup>29</sup> Idem. *Ibid*, p. 13.

<sup>30</sup> LACAN, J. (2003[1972]). *Op. cit.*

<sup>31</sup> MILLER, J.-A. (1998). *O osso de uma análise*. Salvador: EBPBA, p. 129.

<sup>32</sup> Idem. (2004). *Op. cit.*, p. 71.